

REFLEXÕES SOBRE CURRÍCULO PARA A FORMAÇÃO E PORTE DOS DOCENTES EM SALA DE AULA

Helder Vinicius Farias de Sena

RESUMO

Esse artigo apresenta uma sistematização reflexiva referente a textos sobre avaliação, que nos permitiram fazer reflexões e fundamentar nossos pensamentos em questões já discutidas e descoberta sobre temas e características sobre a avaliação jamais imaginadas anteriormente. Uma reflexão sobre a qual falamos é sobre a trajetória da avaliação como ela se consolidou e temas como o fracasso escolar, porque ele ocorre e se ele realmente ocorre. São coisas que devem ser discutidas e pensadas a todo momento pelo fato que atinge toda a sociedade quando falamos em questão de ensino-aprendizagem. A metodologia foi pesquisa bibliográfica para uma reflexão sobre a pratica docente e a quebra da avaliação para a exclusão, mas sim para o pleno desenvolvimento das capacidades dos educandos.

Palavras-chave: AVALIAÇÃO, REFLEXÃO, DESENVOLVIMENTO, PRATICA, DOCENTE.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido com textos de Esteban , Freire, Luckesi e Sobrinho, realizado pela necessidade de uma reflexão sobre as praticas de avaliação, esse artigo então vem com o objetivo de ajudar na reflexão e do entendimento em relação a avaliação e como ela é usada nos dias de hoje, reflexões que tragam mudança na pratica docente e de avaliação como um todo, esse trabalho foi desenvolvido por Helder Vinicius Farias de Sena.

METODOLOGIA

Pesquisa bibliografica, com reflexões pessoais, para que possamos pensar juntos nossas praticas avaliativas.

DESENVOLVIMENTO

A avaliação se dá de vários jeitos em vários contextos diferentes, ela é um “mar de possibilidades” e jeitos de avaliar a capacidade de um indivíduo perante determinada situação, porém no âmbito escolar ela é usada erroneamente como uma simples prova (papel e perguntas), porém a avaliação já passou por várias etapas para se tornar o que ela é hoje, porém é na educação que ela encontra seu lugar de privilegio.

Entretanto, é na educação que a avaliação encontrou seu lugar privilegiado, não só como prática política e pedagógica, produzindo efeitos dentro e fora do âmbito propriamente educacional, mas também como importante campo de estudo. Também na educação a avaliação muitas vezes reafirma essa larga tradição de regulação, seleção e hierarquização, seja só no interior das salas de aula ou nos domínios mais amplos da administração pública, Tão arraigados estão os conceitos de seleção, medida e classificação nos processos avaliativos que, por vezes, quase chegam a definir a própria avaliação (Sobrinho, 2003, p. 15).

Infelizmente no ambiente escolar a avaliação é usada como método de limitação e de medo do aluno perante uma simples nota, não considerando que a avaliação é algo progressivo e contínuo.

A avaliação passou por cinco períodos: o primeiro é o pré-Tyler, que consistia em um processo de elaboração de testes de quantificação, medição e rentabilidade baseado no positivismo. Não havia uma preocupação com o ensino aprendizagem, foi o período que tentavam quantificar a aprendizagem através de números e outras formas de classificação. Era uma avaliação meramente focada na seletividade de pessoas com o foco de classificá-las por números. Uma avaliação meramente técnica, classificatória e seletiva, onde os conhecimentos dos alunos não eram considerados, e eram usados rótulos e punição (psicológica ou física) para que eles “entrassem nos padrões.

O segundo período aconteceu a partir de 1934 por Ralph Tyler, sendo importantes nessa evolução Bobbitt e Charters e anos depois, Tyler que tinha sido discípulo de doutorado deste último. Tyler, que é considerado o pai da avaliação educativa, elaborou os objetivos educacionais em termos de comportamento dos estudantes.

O terceiro período ou “era da inocência” se caracterizou por dar enfoque a não só a avaliação mas a própria educação.

O quarto período, chamado de ‘realismo’, traz grandes efervescências não só no campo da avaliação mas em virtude também das políticas sociais do presidente Kennedy e dos governos seguintes. No âmbito escolar não se tratava mais simplesmente em avaliar os alunos, mas também os professores, as escolas, os conteúdos, as metodologias, estratégias de ensino, mas o âmbito escolar como um todo, para o melhor funcionamento, não só do sistema de ensino, mas da capacidade de criar cidadãos críticos conscientes do seu papel social.

No quinto período vem a teorização mais consistente, pois a avaliação passa a ser nos anos de 1970 e seguintes, além de uma área de muitas práticas, um importante objeto de

estudo. Uma vasta produção teórica começa a se consolidar em revistas e livros, algumas universidades criam cursos de formação em avaliação, organizações profissionais se criam, proliferam seminários e congressos na área a avaliação ganha importância e visibilidade para além das salas de aula e das instituições educacionais. Uma boa reflexão desse período é sobre a dialética que ajuda na troca de conhecimentos dos indivíduos e não só na verificação dos eu ele pode decorar através de uma prova.

Mas, com todos os avanços no campo da avaliação ainda nos deparamos com um sistema extremamente tradicional, onde os alunos são somente validados por exames e nunca por seus conhecimentos como um todo, vivemos em uma sociedade plural e multicultural, onde nos deparamos com cabeças e formas diferentes de pensar, ser verificados e classificados de uma mesma forma é extremamente revoltante, e as particularidades onde ficam? E o que cada um sabe em sua vivência, em seus contextos? Seremos preparados só para subir números em uma tabela falsa, na qual os números aumentam, porém somos cada vez mais alienados?

A avaliação depois de toda essa trajetória ao longo dos anos foi se tornando cada vez mais complexa na perspectiva de que ela pode ser interpretada de várias dimensões dependendo do contexto nessa parte do texto o autor nos mostra vários enfoques e perspectivas da avaliação como o enfoque na análise de sistemas, O enfoque dos objetos comportamentais, enfoque de decisão, O enfoque de estudos de caso ou negociação e etc.

Com isso podemos ver que a avaliação é de extrema importância e está presente em tudo que nós fazemos, pois no final de cada coisa a avaliamos, seja na compra de uma roupa, na comida, no pagamento de alguma conta, em relação a nossas amizades, dependendo de cada coisa usamos um método de avaliação diferente é por isso que temos que compreender que a avaliação é algo contínuo.

Contudo estamos vivendo ainda uma avaliação que não se importa com o que os alunos têm para oferecer, que tratam-nos como se fossemos máquinas que tentam responder um exame que nos é dado, aonde vamos para com pessoas que sabem fazer uma prova, porém não sabe pensar por si, ou interpretar um texto ou uma imagem, analfabetos funcionais que acham que um simples assinar de nome já é o suficiente para exercer sua cidadania, porém não entende a importância dela e de como ele é de extrema importância no coletivo e de que o contexto em que ele vive talvez possa ser melhorado a partir dele, saber ler, escrever e contar não significa nada se não soubermos pensar por nós mesmos.

O que é o fracasso escolar? Quem está fracassando? E quem são os mais prejudicados com isso? São essas minhas perguntas referentes ao que realmente estão falando sobre os “fracassos escolares”. Em seu texto a autora nos faz refletir sobre o que realmente é um fracasso escolar, os métodos de avaliação que realmente estão usando e de como isso prejudica a sociedade violentamente. “A avaliação, na ótica do exame, atende, às exigências de natureza administrativa, serve para reconhecer formalmente a presença (ou ausência) de determinado conhecimento, mas não dispõe da mesma capacidade para indicar qual é o saber que o sujeito possui ou como está interpretando as mensagens que recebe. Tampouco pode informar se sobre o processo de aprendizagem dos estudantes ou questionar os limites do referencial interpretativo do/a professor/a”. (ESTEBAN, 2001, p.100).

Se sair bem no exame não quer dizer que você detém os conhecimentos nele presente, talvez só tenha decorado para fazer aquilo, a todo tempo somos ensinados conteúdos que serão desnecessários para a nossa vida, a pedagogia que gira em torno da avaliação do exame, é uma pedagogia fraca e que não agrega em nada na vida dos estudantes, é um conhecimento vazio que um dia simplesmente será esquecido, não podemos ensinar nossa sociedade a ser simples reprodutora, temos que dar autonomia e mostrar que os sujeitos têm papéis na sociedade e a importância de cada um em suas particularidades, uma vez ouvir falar que: “uma criança que causa problemas, é uma criança com problemas”, não considerar o contexto socio-histórico dos indivíduos é tentar fechar um pote redondo com uma tampa quadrada, nunca vai dar certo, existe vários motivos para os alunos não estarem aprendendo, problemas pessoais, falta de estímulo, considerar que as desigualdades sociais, são sim um problema e que sim, então presentes na vida dos alunos.

E sempre procurar saber qual a dificuldade do aluno que não está aprendendo o conteúdo, e não simplesmente desconsidera-lo, focar nos que estão com dificuldade, pois são esses que precisam de reforço positivo e de estímulos para que venham acompanhar os colegas que estão avançando mais rápido, pois todos têm seu tempo de aprendizagem, uns mais rápido e outros mais lentos, e todos tem que ser levados ao conhecimento de qualidade, mostrar que estamos aqui para uma sociedade que necessita ser igualitária e que vamos lutar por ela.

Os métodos de avaliação utilizados hoje em dia para avaliar os alunos e as instituições são meramente provas (exames), limitam simplesmente alunos e instituições a uma prova de conhecimentos padronizados, não considerando contextos ou as características de cada indivíduo. Quando uma criança chega a escola ela tem já seus conhecimentos prévios do contexto que ela veio inserida, não considerar isso é condenar aquela criança a uma padronização de conhecimentos que posteriormente não servirão para nada.

Em todos os momentos aprendemos algo novo, seja uma maneira melhor e mais fácil de fazer determinada coisa ou até mesmo a descoberta de conhecimentos que nem sabíamos que existia, o mundo é um grande livro de conhecimentos e interações que nunca vamos desvendar completamente, e por que dizer que características únicas que cada um são problemas?

O controle e a classificação dos indivíduos segundo modelos estandardizados atuam no sentido de homogeneizar comportamentos, atitudes e conhecimentos, consolidando a concepção de unicidade de significados. Eliminando as diferenças e as contradições, da importante contribuição para a seleção e universalização desejadas.” (ESTEBAN, 2001, p.102).

Universalizar conhecimento parece ser tentar limitar indivíduos únicos para tentar fazê-los iguais, não considerando as especificidades culturais e históricas de cada um, pois todos vivemos historicamente na mesma época, entretanto vemos ela com pensamentos diferentes, cada um a sua maneira e modos de interação, daqui a um tempo será outro contexto, com outros pensamentos e outras formas de ver o mundo, e a avaliação como fica? Igual em todas as épocas? É por isso que o fracasso é tão evidente? Por que pessoas não aprenderam a ser encaixar e a fazer uma prova para provarem a sua “inteligência”?

Esses exames são extremamente excludentes, não só em salas de aula mas em todos os aspectos escolares e institucionais, pois quem não tem uma boa avaliação, é automaticamente desconsiderado, os alunos, pois os professores acham que quem conseguiu fazer uma boa prova são os que devem receber mais atenção e o mesmo acontece com as instituições as que te uma melhor avaliação ganham mais e a que não perde recursos, sem falar da evasão escolar que é grande por conta de o aluno se achar inferior aos seus colegas que conseguem ter uma nota boa na prova e que o tempo todo ficam comparando suas notas em sala, o indivíduo que não consegue é extremamente ridicularizado recebendo apelidos maldosos como “burro”, “tapado”, “mongol” entre outros, que dependendo da ideia e do conceito da pessoa referente aquela palavra pode ser extremamente ofensivo.

Por isso devemos lutar por uma educação de qualidade que preze pelo pluralismo de cada indivíduo e os ensine coisas que eles utilizaram a todo momento em suas interações com um mundo, pensar um currículo para a melhoria e não para mais exclusão, através de métodos de avaliação e de aprendizagem contínuos.

Para entendermos como a avaliação se encontra hoje temos que enaltecer alguns pontos mostrados como:

- *aumento das exigências sobre o trabalho do professor;*
- *responsabilização do professor pelo fracasso escolar;*
- *mudanças de postura impostas em torno da prática avaliativa;*
- *últimos 40 anos - a expansão do ensino = diversidade de culturas → diferença de resultados (de rendimento, de dificuldades);*
- *a escola e, principalmente o professor, têm de fazer o aluno aprender Contexto Atual do Professor no Campo da Avaliação;*
- *de um lado, a herança positivista, pela meritocracia, pelo autoritarismo cerceador;*
- *de outro, certo esvaziamento de seus critérios, de suas ações;*
- *consequência perversa: sai das mãos do professor o investimento, a pré-ocupação com a avaliação;*
- *entra em cena o Estado Avaliador → não é o professor quem toma as decisões sobre a progressão dos alunos, tem pouca autonomia sobre o que ensinar/avaliar → "cultura da avaliação".*

Ou seja o sistema faz o possível para impor ao professor uma avaliação positivista de exames e números, onde a mudança não se é aceita, e se a avaliação fugir desse mérito, serão tomadas consequências e a culpa sempre será voltada para o professor que é “incapaz” e a instituição que contratou um “mal funcionário” para ensinar as crianças, mas o que é avaliação e como deve ser usada?

Segundo Luckesi,

“A avaliação é um juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão” (LUCKESI, 1995).

Com essa concepção de avaliação é possível constatar que se deve ser uma coisa que traga dados relevantes e não só números irrelevantes, avaliar com um olhar qualitativo e não quantitativo que simplesmente limite os alunos a um exame e a um decore de informações que não serviram de nada, que ajude na tomada de decisões deles para a vida e para a melhoria do coletivo, para que alunos não só pensem no individual, mas façam o uso da empatia para que a sociedade vá a frente e não se estagne e retroceda, como vem acontecendo ao longo dos séculos, temos que buscar uma avaliação não só externa, mas interna também, pois a través de uma autoavaliação se é feita mudanças.

“Lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do que fazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o falar a como caminho do falar com” (Paulo Freire).

Nesse momento reforço a ideia da dialogicidade de levar o outro ao pleno conhecimento. Platão nos fala sobre um Eros, uma anjo e um demônio (não no sentido pejorativo) ao mesmo tempo, que no nosso caso é o conhecimento, é a troca de ideias que faz com que as pessoas se questionem e busquem mais e mais o conhecimento e que façam uso de artifícios, como a pesquisa e a escrita para atingir novos públicos, onde sempre buscaremos porém nunca teremos ele (o conhecimento) por completo, pois a cada conversa e a cada momento ele se renova, seja através de livros, filmes, músicas, series, podcasts etc., que ele se faça presente e que seja sim um instrumento de autoavaliação e de avaliação com um todo.

Pensar uma avaliação diferente da que é mais rápida é muito difícil, porém se faz extremamente necessária, pois vidas são impactadas por conta das avaliações, fazer parte e compactuar com a pedagogia do exame é reforçar as diferenças sociais e nunca dar os instrumentos epistemológicos, sociais e políticos para os oprimidos, é dizer ainda que calado, que cada um tem um “lugar” na sociedade e o “lugar” do pobre é continuar em baixo e o do rico é cada vez mais subir, temos que entender os contextos socio-históricos, e ajudar os indivíduos entenderem o seu posicionamento enquanto ser social, porém o que se é preciso avaliar?:

- *Juízo de Existência – dados empíricos, aspecto substantivo da realidade ► o que o objeto é (aspectos “físicos” observados no quadro)*
- *Juízo de Qualidade – expressa uma qualidade sobre o objeto, aspecto adjetivo ► considera um padrão - Obriga a uma postura de nãoindiferença (interpretação do quadro)*
- *Juízo Arbitrário – dados irrelevantes são considerados A avaliação busca o juízo de existência, que seria a verificação, mas sua maior finalidade é o juízo de qualidade*
Dados Relevantes – o que é realmente importante? O juízo que faço não pode ser arbitrário
- *O juízo arbitrário e as práticas autoritárias não consideram o juízo de qualidade no processo avaliativo - Contrabando entre Quantidade e Qualidade • médias que rezam sobre quantidades e não sobre qualidades*
- *importa menos um mínimo necessário do que a obtenção de média*

Para uma comunicação se é necessário uma articulação entre as entidades escolares e família, toda a sociedade escolar em prol do conhecimento e do auto conhecimento dos alunos perante eles mesmos e a sociedade como um todo.

“auto-esclarecimento e reflexão contínua sobre os objetivos do ensino e da avaliação - avaliação como prática de interrogar e interrogar-se” (ESTEBAN, 2001).

Um conhecimento de relevância se faz em conjunto onde o diálogo é essencial para a aprendizagem do aluno, o fazer se sentir em um espaço que o dê liberdade para expressar suas ideias e construir com ele conhecimentos, perguntar a eles os conhecimentos a respeito de determinado assunto e ir com ele aumentando as ideias e visões sobre, sempre se auto perguntando e perguntando se eles estão compreendendo, e se não, quais as dúvidas?, mostrar várias visões sobre determinados assuntos e que o pensamento dele não é o certo, porem também não é o errado, que cada concepção é relevante e que temos que entender uns aos outros, pois nem sempre vamos compactuar com as mesmas ideias e atitudes, mostrar que a vida é um plural e que cada um tem toda uma importância, que todos exercemos papéis de extrema importância, de que cada um é um ser crítico, capaz de pensar por si e em prol de todos.

E sempre incentivar a família para que elas ajudem as crianças em seus processos de construção de conhecimento, fazer reuniões para articular e ajudar para as melhores abordagens para com suas crianças, instigar eles em relação as interpretações, pedir opiniões e ouvir seus pensamentos perante assuntos diversos, pois muitas das vezes as crianças tem duvidas e não falam pois nós achamos que são assuntos “irrelevantes” e não entendemos que nós já construímos aquele conhecimento e eles ainda estão nesse processo.

Como já temos ciência a nossa conjuntura atual quanto se trata de avaliação na maior parte das vezes é muito preocupante, onde os conhecimentos trazidos pelos alunos não são considerados e eles tratados como tábulas rasas onde se encontra a *aprendizagem repetitiva*, onde eles repetem determinada coisa até eles “aprenderem”. A maior parte da população foi criada nesse mesmo sistema, onde repetir até conseguir decorar é o que consideramos o “correto”, então toda pratica pedagógica que fuja desse sistema é considerada “perda de tempo”. Porem existe a *aprendizagem significativa* onde a criança é tratada com o respeito suficiente para que seus conhecimentos sejam agregados a sua aprendizagem, onde sua vivencias importam e de cada um tem importância em seus respectivos contextos.

[...] o uso de instrumentos de coleta de dados, em si, não tem a ver com exames ou com avaliação. Tanto o ato de examinar quanto o ato de avaliar necessitam deles. Exame e avaliação exigem coleta de dados sobre o desempenho do educando como ponto de partida do seu processamento. Os

atos de examinar e avaliar distinguem-se pelas concepções pedagógicas às quais estão vinculados e pelos seus conceitos e não pelos recursos técnicos de coleta de dados utilizados. Falando em termos gerais, os dados coletados por meio dos instrumentos - contanto que sejam elaborados segundo as regras metodológicas científicas - podem ser os mesmos, entretanto a avaliação utilizará diagnosticamente e os exames classificatoriamente (LUCKESI, 2011, p. 297).

Ou seja não há problema algum com o exame, desde que ele não seja uma prática tecnicista, onde o aluno ao invés de pensar, somente codifique o papel, um ponto inicial é a coleta de dados e um exame ele pode servir como, de que forma? Suponha-se que seja matéria de português, ao invés de usar o texto como forma de retirada de palavras, seria uma boa usá-lo como forma de reflexão para ajudar na interpretação dos alunos, pedir sua opinião, para que o aluno possa desenvolver seus argumentos e reflexões através das palavras, pois interpretações e reflexões, assim como a avaliação são coisas processuais, onde deve ter estágios, o início, o desenvolvimento, e no final a conclusão, no início ele tem um primeiro contato com o gênero textual, e se tratando de avaliação temos como um parecer de como ele inicia seu primeiro contato, no desenvolvimento, discutimos o tema do texto e vamos trabalhando através de reflexões e debates, e na conclusão pedimos para que eles escrevam um novo texto sobre o mesmo ou outro assunto, e pedir para ele desenvolver como ele quiser e assim vamos vendo como eles estão e nesse desenrolar fazer uma avaliação processual.

No que se refere à avaliação da aprendizagem e a qualquer outra prática avaliativa-, vale lembrar que o ato de avaliar não soluciona nada, mas somente retrata a qualidade de uma situação. A solução vem da decisão e investimento do gestor que reconhece a situação problemática e decida ultrapassá-la (LUCKESI, 2011, p. 294).

Então a avaliação não é um instrumento de solução, mas de identificação de problemas, onde nesse processo podemos constatar e identificar, para só então buscar uma melhor solução desses problemas, onde trazendo para a área da educação o professor tem um papel de extrema importância, onde ele se torna um mediador, da criança com os conhecimentos e a construção de novos, por isso se faz necessário seguir regras metodológicas básicas:

- sistematicidade - refere-se a adentrarem todos os conteúdos planejados e ensinados;
- coerência - interna baseia-se nos temas que foram abordados devendo eles estar articulados como um todo ao tema central;

• consistência - consiste na correspondência entre os conteúdos que foram ensinados e os instrumentos utilizados para avaliar, ou seja, como se foi avaliado;

• comunicação - a linguagem deve ser precisamente Clara e precisa de forma que seja totalmente compreensível para os educandos.

Sendo assim trazemos mais uma vez a pratica da pedagogia como instrumento de liberdade, de mostrar para o aluno através do dialogo e da reflexão que ele é um agente atuante na sociedade e que ele é de extrema importância, e de que através do coletivo, podemos fazer a mudança e lutar por igualdade, onde todos somos sujeito a um sistema que existe a vários séculos e que infelizmente na maior parte das vezes só há um reforço.

De incentivar os alunos não só a serem seres críticos, mas também ensinar-lhes coisas que eles irão levar para a vida, coisas consistentes que os deem prazer ao lembrar da escola, como consertar um objeto quebrado, a como fazer alguns determinados alimentos, instigar eles a tocarem instrumentos entre outras determinadas competências que eles irão levar para seu dia a dia, falar sobre assuntos que eles gostariam de debater porem não falam em casa, como porque comemoramos os feriados, qual a importância, de onde surgiram as historias e o folclore, mostrar a cultura tão rica, não só da nossa região, mas de todo o brasil, de falar como a tecnologia pode ser um objeto de ajuda e ao mesmo tempo ao tão prejudicial, a importância do respeito e de como podemos conviver melhor se cada um ter sua voz ouvida.

Dar essa liberdade na perspectiva de que o aluno tem a autonomia o suficiente de ser quem ele é, e de debater os assuntos que ele quiser, sem limita-lo o seu pensamento, é reconhecer que ele tem total importância no processo de construção não só do seu próprio conhecimento, mas agregações ao conhecimento coletivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de todas as reflexões feitas através desses textos concluo então reafirmando que nos encontramos em um realidade onde a avaliação é usada na maioria dos casos de forma excludente e seletiva através de exames, onde os que são considerados “inteligentes” são aqueles que decoram e aprendem a decodificar melhor uma folha com questões, e que nossas crianças não estão sendo instigadas a pensar por si só e o “fracasso escolar” sempre recai perante ao professor ou a escola, e se deve repensar se realmente a avaliação dos que estão “fracassando”.

Porem com tudo isso ainda se deve manter a esperança e fazer a nossa parte para uma educação melhor e não só um aumento nas estatísticas, dizer que os alunos estão aumentando nos números, porem só sabem escrever o próprio nome e não sabem pensar ou interpretar um texto, a refletir sobre a vida ou o contexto em que vivem, se não estamos formando pessoas que irão mudar o mundo, o que estamos fazendo? Criando mais analfabetos funcionais? Desculpem-me, porem o mundo já esta cheio de massa de manobra para que criemos mais, então que a escola seja um espaço de criação de seres que reflitam e que se incomodem e se posicionem em relação a algo que achem errado, de criar pessoas que debatam e mostrem que são cidadãos atuantes, para que as crianças de hoje, mudem o mundo amanhã.

Infelizmente é muito fácil se entregar ao sistema, exames, não se importar com o conhecimento da criança, não articular com a família para estimular as crianças, é extremamente mais cômodo, mas se queremos, pessoas que venham para tornar o mundo um lugar de convivência mais harmoniosa temos que ensinar nossas crianças, além de empatia, respeito e de que a pluralidade e o multiculturalismo está ai e que cada um tem suas ideias, e que todos podemos articular juntos, mesmo que com controvérsias, para o bem comum.

Nenhuma luta foi fácil e ainda continuará árdua, porem temos que fazer nossa parte como agentes de mudança, como pessoas que pensam uma sociedade de mudança , não imediatas, porem para o futuro, para as futuras gerações, assim como outras pessoas pensaram essa para a gente, mesmo com todos problemas, ainda sim em momentos passados da nossa historia foi mais dura, que venhamos lutar para um currículo pensado no aluno e não no mercado de trabalho, que o aluno seja educado para ser um cidadão e não um burro de carga que trabalha horas por uma subsistência, pois que a mudança comesse de nós em conjuntos com outras pessoas, pois a minoria junta vira a maioria.

Que nossas crianças venham se avaliadas com justiça, de que seus conhecimentos venham ser valorizados e melhor aproveitado, e melhorados e que ela venha construir novos conhecimentos junto com os seus colegas, pois a escola além de uma lugar de conhecimento, é um lugar de socialização das crianças , o primeiro contato delas com outras pessoas de suas idades.

E que o currículo de nossas instituições venham ser pensadas em prol de conhecimento que venham ser consistentes, que a pedagogia do exame venha ser usada de uma maneire critica e não tecnicista, pois de maquinas funcionais de pensamentos limitados já temos demais, que venhamos pessoas que lutem por mudança e não mais compactue com o sistema capitalista, pensar nas gerações futuras, pois infelizmente a mudança não vai ser imediata, porém, quando ela um dia chegar seremos uma sociedade mais igualitária.

REFERÊNCIAS

ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe quem erra? Reflexões sobre a avaliação e fracasso escolar.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 31a .ed. São Paulo- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação do aluno: a favor ou contra a democratização do ensino?; Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudo e proposições.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995: p. 66-80.

_____. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOBRINHO, José Dias. **Avaliação: políticas educacionais e reformas da educação superior.** São Paulo: Cortez, 2003.